

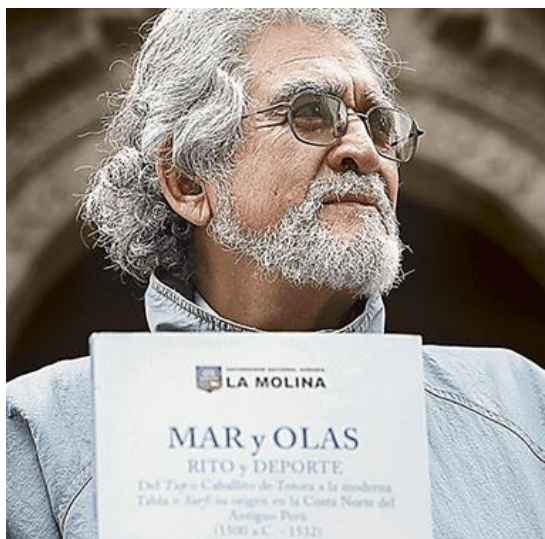
Entrevista com Enrique Amayo

Entrevistadores IBEC

Apresentação | Ivan Lucon Jabob

280

É com grande satisfação que a **Revista Fim do Mundo** em sua **edição nº 9** apresenta a entrevista com o professor e pesquisador peruano Enrique Amayo Zevallos. Com uma trajetória de vida muito rica, suas pesquisas acadêmicas sempre refletiram as questões sociais prementes de seu tempo, e na entrevista pode-se perceber um pensador atento aos problemas atuais com um olhar bastante aguçado, como quando fala de seu Peru natal.



Amayo, como é mais conhecido, iniciou seu caminho acadêmico ainda no Peru, graduando-se em Sociologia e Economia do Desenvolvimento na Universidad Nacional Agraria, no final da década de 1960. Por conta dos problemas políticos de seu país, onde após recusar um cargo público no regime militar de Juan Velasco tornou-se “um inimigo do governo”, partiu para fazer seu mestrado em Estudos Internacionais Latino-americanos na University of Liverpool, na Inglaterra. Lá, travou contato com o renomado historiador marxista britânico Eric Hobsbawm, que foi seu orientador em um

doutorado interrompido na University of London. Na década de 1980, concluiu seu doutorado na University of Pittsburgh, Estados Unidos.

Chegando ao Brasil no meio da década de 1980, tornou-se professor da Unesp Araraquara em 1986 ficando lá até sua aposentadoria em 2014, com o título de livre-docente. Foi também professor do Programa de Pós-graduação San Tiago Dantas e de diversas instituições de ensino no Peru e no México, além de ser pesquisador no Instituto de Estudos Avançados da USP.

Nesta entrevista, conduzida por vídeo pelos membros do IBEC, que coordenam esta edição da **Revista Fim do Mundo**, Adilson Gennari, Zuleica Vicente e Aline Miglioli, e mediada por Fabio Castro, Amayo tratou de temas históricos desenvolvidos em suas pesquisas como os povos originários e amazônicos, as relações com a China, a questão da dependência e o conceito de “colonialidade do poder” de seu compatriota Anibal Quijano, do “fenômeno” Pedro Castilho e até entrou no espinhoso tema “reforma ou revolução”. Esperamos que nossos leitores apreciem a leitura tanto quanto nós apreciamos conduzir e publicar esta entrevista!

Boa leitura!

[Adilson Gennari] Professor Amayo, sua trajetória acadêmica começou no Peru e logo o senhor foi à Inglaterra fazer seus estudos sendo orientado pelo Hobsbawm. Quais foram as suas motivações e como o senhor encontrou o cenário acadêmico para debater a história da América Latina naquele espaço? Pode ficar à vontade para falar um pouco da sua trajetória, graduação, mestrado, doutorado ao longo desta sua resposta.

Bom, muito obrigado. Sou um homem de sorte devido ao fato de que quando eu estive no Peru, entrei na universidade num momento em que havia ali uma galera crítica e intelectual muito importante. Por exemplo, não sei vocês já ouviram falar de um sociólogo chamado Aníbal Quijano, que foi fundamental para a história do Instituto de Estudos Avançados naquele momento. Quando ele passou por aqui, o Memorial da América Latina criou uma catedral chamada Simón Bolívar pelo trabalho dele.

Aníbal Quijano foi meu professor nessa universidade, que

originalmente era de agricultura, assim como a Esalq (USP) aqui no Brasil, a Universidade Nacional Agrária. Ali estava também outro acadêmico muito importante, não apenas na história do Peru, se não na história da questão indígena em todo o continente, chamado José Maria Guedes.

Um dia apareceu pela universidade o Eric Hobsbawm como convidado para uma palestra. Ele tinha participado de algum debate sobre alguma polêmica na revista New York Review Book com o Aníbal Quijano. O Aníbal era meu professor e posteriormente, quando eu fui à Europa entrei em contato com ele.

Bom, por que fui à Europa? Porque no ano 1968 houve no Peru uma coisa peculiar: um golpe de estado militar de esquerda, que liberou a todos os presos políticos e estabeleceu relações com todos os países socialistas. Houve o regime de um militar chamado Juan Velasco. Ele chamou todo o pessoal de esquerda para trabalharmos com ele no governo. Mas tinha gente que desconfiava dos militares e eu fazia parte deles.

Então, eles quiseram me fazer de chefe da reforma agrária do sul do Peru. Mas eu tinha só 23 anos e eles não tinham gente, então queriam a gente no governo. O sul do Peru era muito importante. Não sei se vocês já ouviram falar de Hugo Blanco, um líder camponês de importância internacional, mas que agora, é claro, já é uma velhinho de 100 anos. Todo o sul do Peru estava muito convulsionado por guerrilhas antes do regime militar, mas no período de paz após o golpe, o Juan Velasco convidou o Hugo Blanco para ser seu assessor, o que ele não aceitou, mas outros ex-guerrilheiros foram e eu... eu tinha 23 anos e eles queriam me fazer chefe da reforma agrária desta parte sul do Peru! Neste momento eu tinha recém me graduado somente como sociólogo. Para mim era demais. Eu não podia aceitar e não aceitei. Então o governo me considerou como um inimigo.

Então eu decidi sair do meu país e consegui um convite com os maoístas da Noruega, que formavam parte de um centro de pesquisa chamado Centro de Pesquisas para a Paz, que é quem dá o Prêmio Nobel da Paz (que é dado pela Noruega e não pela Suécia). Então eu acabei indo à Noruega. Quando eu estava na Noruega pensei em escrever a Aníbal Quijano para que ele escrevesse à Hobsbawm.

Ele falou que eu precisava amadurecer um pouco, então eu fui a Liverpool fazer meu mestrado até que Aníbal Quijano escreveu à Hobsbawm e ele me aceitou como aluno na Universidade de Londres, o College, fui aluno e orientado por Eric Hobsbawm entre 1974 e 76.

Nesse período - eu sou peruano e a gente que gosta de comer - era

impossível comer no restaurante universitário inglês porque eles são capazes de comer uma comida horrível. Cruzando a biblioteca da Universidade, logo em frente ficava a Buch House, que era a casa da BBC que transmitia notícias em 39 idiomas estrangeiros. Então um amigo indiano me deu uma dica: ali tinha um restaurante para estrangeiros da BBC, onde em um dia tinha comida indiana, no outro dia chinesa, outro dia mexicana porque tinha gente ali das 39 nacionalidades. Eles achavam que nós éramos parte dos trabalhadores da BBC e nos cobravam o mesmo preço da Universidade, com a diferença que ali se comia muito bem. Uma curiosidade é que foi lá que eu conheci a minha esposa, que é brasileira, mas na época trabalhava na BBC. No ano de 1976 nós decidimos ir embora. Nesse momento, depois de 4 anos, Hobsbawm havia me dito que eu precisava fazer trabalho em campo no Peru. Então, eu e minha esposa fomos ao Peru onde nasceram meus filhos.

A situação tinha mudado muito no Peru porque, claro, sendo esse governo militar, um governo de esquerda, tinha enfrentado muitos problemas, principalmente com os Estados Unidos. Então a situação econômica foi ficando muito complicada no Peru. Eu tinha o compromisso de voltar à Inglaterra para terminar meu doutorado, mas eu tinha que trabalhar enquanto estava no Peru. Consegui um trabalho no Peru no Instituto Nacional de Planejamento, em que eu coordenava uma equipe que trabalhava em economia e planejamento. Ali o tempo foi passando e a situação econômica ficando extremamente complicada.

Minha esposa não conseguiu um trabalho fixo, mas conseguiu uma bolsa ótima. Os salários eram tão baixos no Peru, que por exemplo, eu tinha um cargo muito importante em um Ministério, mas meu salário era de 900 USD. Já a minha esposa conseguiu uma bolsa para fazer o mestrado na Universidade Católica do Peru e a bolsa era de 300 USD.

Nessa situação eu já tinha 2 filhos e eu precisava terminar meu doutorado, minha esposa começou a ficar muito preocupada pela situação e um dia eu estava pesquisando sobre o que fazer e vi a convocatória para um programa na Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, que dava bolsas para pesquisadores júniores.

Eu tive a sorte de ter um irmão médico que morava justamente em Pittsburgh. Eu entrei em contato com meu irmão, participei do concurso e ganhei bolsa. E assim fomos a Pittsburgh, pensando eu que em um ano eu conseguiria uma bolsa para retornar à Inglaterra. Mas foi impossível voltar para a Inglaterra porque ela mudou totalmente desde quando eu estive ali

no período de Hobsbawm, ou seja, antes da [Margareth] Thatcher.

Naquele momento inicial, a universidade inglesa era muito barata, Hobsbawm mesmo trabalhava em um College que era para trabalhadores e nós, éramos alunos *part-time*. Isso significava que, em vez de fazer o doutorado em 4 anos, eu tinha que fazer pelo menos em 6 anos, mas praticamente não pagávamos coisa nenhuma, era coisa de US\$ 100,00 por ano. Esse mesmo College passou a cobrar mil dólares, enquanto os Colleges normais, *full-time*, que cobravam antes US\$ 600 USD por ano, passaram a US\$12. 000.

A situação na Inglaterra tornou impossível para gente retornar. Ao mesmo tempo, nos Estados Unidos me ofereceram uma bolsa extraordinária, por isso eu acabei ficando nos Estados Unidos, onde terminei meu doutorado. Aliás, sou muito agradecido a essa universidade por ter uma área de estudos latino-americanos. Não sei se vocês sabem o que é a LAS, Latin-American Studies Association. É um centro de estudos em Pittsburgh muito dedicado a América Latina.

Então tive muita sorte também ali. Terminei sendo professor do departamento de história, por 1 ano, porque ali eles não permitem que você fique mais tempo depois que se gradue. O sistema norte-americano é bem diferente do nosso, aqui é possível que um professor consiga muitas vezes que o aluno fique na instituição. Lá, se você se graduou ali, você tem que ir embora por pelo menos três anos antes de voltar. Também não há esse patrimonialismo que, infelizmente, temos muito por aqui. Então ali me convidaram por 1 ano, mas se eu queria voltar, tinha que ficar fora por pelo menos 3.

Eu não queria ficar nos EUA por três anos, eu queria retornar à América Latina com minha esposa. Nós então retornamos, mas era impossível retornar ao Peru porque nesse período começou uma guerra interna violentíssima no Peru relacionada com o Sendero Luminoso, que matou 70.000 pessoas. Em termos proporcionais, se uma coisa equivalente tivesse acontecido no Brasil, o número de mortos teria sido quase 6.000.000. A situação gerou um problema econômico muito grave, portanto, era impossível retornar.

Ao mesmo tempo, estava se abrindo coisas muito importantes no Brasil e a minha esposa sugeriu que viéssemos para cá. A Unesp, por exemplo, estava começando a se expandir. Originalmente eu vim para a USP como professor na pós-graduação, mas como ali não tinha uma vaga, o Carlos Guilherme Mota, que era o chefe do departamento de história na

Unesp, me disse que eles estavam abrindo vagas. Eu fiz o concurso e passei na Unesp, mas sempre me mantive vinculado à USP no Instituto de Estudos Avançados, onde fiquei como pesquisador visitante por 10 anos.

Eu entrei na UNESP em 1986 e fiquei até o ano 2014, quando me mandaram embora após fazer 70 anos, pois com 70 anos eu teria 35 anos de trabalho aqui e por isso, me aposentaram.

|Adilson Gennari| A segunda pergunta é a seguinte, ao estudar a história da América Latina, o senhor se dedicou extensivamente aos conflitos interamericanos, por exemplo, entre Peru e Bolívia, a guerra do Paraguai. Nesses conflitos é possível identificar a existência da ingerência imperialista? Como e como se deu essa ingerência?

Bom, para falar disso eu preciso explicar um pouquinho porque Hobsbawm tinha muito interesse pelo Peru. Ele foi muitas vezes para lá e teve muitos alunos peruanos, pois uma das grandes preocupações teóricas dele era estudar os grandes períodos históricos e as grandes transições de um período histórico ao outro, por exemplo, o século XX ou longo século XIX, etc. Ele considerava que o Peru era um país bastante especial no sentido de que ali era possível - e até hoje é - encontrar todas as formas de produção de todos os modos de produção.

Dependendo de onde você vai no Peru, é possível ver, por exemplo, o modo de produção do comunismo primitivo na Amazônia, ou modos de produção muito parecidos ao modo de produção asiático nas comunidades camponesas indígenas, que ainda existem e são descendentes dos incas - o que é um fenômeno extraordinário - e também formas muito modernas de produção vinculados ao capitalismo transnacional em lugares como Lima. Ele tinha muito interesse nesse sentido, por isso que em alguns livros, como por exemplo, *Bandidos* (1969), tem capítulos sobre o Peru.

Na minha tese de doutorado, eu comecei com o Hobsbawm usando arquivos britânicos, mas neste momento meu eixo de pesquisa com ele era a entrada do capital britânico no mundo andino a partir de 1805, principalmente através do Peru. Mas quando eu fui a Pittsburgh, meu interesse mudou para ver os interesses britânicos na Guerra do Pacífico, que foi a guerra em que o Chile, para se expandir pelo norte, ficou contra a Bolívia e o Peru. Ela ocorreu entre 1882 e 1884 devido ao fato de que o Peru tinha, ao sul, uma extraordinária riqueza, que dava um poder monopolista sob um adubo natural, que era muito importante para a agricultura mundial, os nitratos.

No gigantesco deserto do Atacama, que agora é do Chile, tinha nitrato em quantidades astronômicas, agora ali embaixo do nitrato se encontrou lítio, por exemplo. E atualmente o Chile tem a maior reserva de lítio de todo mundo, ou seja, o deserto que é o mais seco do mundo, tinha tesouros escondidos ali, mas o Chile não tinha nenhum centímetro delas.

Os interesses chilenos se desenvolveram ao ponto que levaram finalmente a uma guerra, que resultou na sua apropriação deste território. Havia também expressivos interesses britânicos naquele território porque o salitre e o nitrato eram muito importantes e não apenas como adubo. Lembremos que naquele período ainda não existia a indústria química, então o salitre e o nitrato eram fundamentais para fazer explosivos. Nos anos de 1770 e 1780, quando o Chile pegou esses territórios, era evidente que a Europa se aproximava de uma guerra. Os britânicos estabeleceram um monopólio para que ninguém tivesse acesso a esses materiais, com exceção da Grã-Bretanha e dos seus aliados, e não da Alemanha. A razão pela qual a Alemanha terminou inventando a indústria química moderna, retirando do ar essa matéria-prima que é o nitrogênio, não foi apenas para criar adubo sintético, como também, explosivos.

Os britânicos, depois que apoiaram o Chile na guerra, controlaram esse território como se fosse deles. Criaram um enclave em todas as províncias produtoras do Salitre. Quando o Chile ganhou a guerra, com o apoio britânico, apareceu um homem com grande apoio do capital estrangeiro, chamado Onoff, que terminou se apropriando de todos os territórios até a Primeira Guerra Mundial.

Com a Primeira Guerra Mundial, quando a Alemanha entrou com sua poderosa indústria, desenvolvida através da Bayer na fabricação de adubos e explosivos, os nitratos continuam existindo no gigantesco deserto do Atacama, mas perderam valor econômico devido ao fato que era muito caro tirar eles do solo, era muito mais fácil utilizar o nitrogênio do ar para criar toda essa nova indústria.

Sobre a guerra do Paraguai, que é anterior à Guerra do Pacífico, ela foi muito impulsionada por interesses britânicos, citando o Hobsbawm: Paraguai havia se tornado uma exceção porque havia se fechado aos interesses britânicos, e através de um ditador ilustrado tornou-se um país fechado e industrializado. Era o território mais desenvolvido da América Latina antes da guerra e os britânicos não tinham conseguido entrar de forma alguma dentro do Paraguai. Para eles era muito importante abrir o Paraguai, entre outras coisas, porque era um mau exemplo para os países da

região, pois por sua própria força tinha desenvolvido, por exemplo, uma indústria naval. Então, parte dessa guerra é composta por interesses britânicos. Nela, os britânicos, ao mesmo tempo que não venderam armas ao Paraguai, venderam armas, tanto ao Brasil, como à Argentina e ao Uruguai também.

Mas isso aconteceu entre 1864 e 1870, alguns anos antes da Guerra do Pacífico. Nesta última, sem dúvida alguma que os interesses britânicos relacionados ao livre-comércio, estavam relacionados a não manter espaços econômicos fechados. Neste momento, a principal razão pela qual o Peru virou inimigo da Grã Bretanha, foi porque um presidente do Peru fez uma lei para estabelecer um monopólio de salitre através de empresas estatais. Esta lei alterava o livre comércio a nível internacional e dava poder aos estados. Neste momento, o Chile se declarava o "*Free Trader*" da América do sul, uma das razões econômicas pelas quais os Estados Unidos terminou apoiando o Chile contra o Peru. E também por que Grã Bretanha apoiou, direta ou indiretamente ao Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai.

Originalmente, antes da guerra, por exemplo, as belíssimas Cataratas do Iguazu eram do Paraguai, agora são compartilhadas pelo Brasil com a Argentina. Esse é o período de influência do capital Britânico na nossa região.

|Zuleica Vicente| Professor, o senhor falou agora do lítio. Recentemente eu estou acompanhando essa briga entre os países da América do Sul para controle deste recurso. No momento atual, o mundo está dividido em 2 blocos, que estão em uma guerra infinita e o bloco constituído de Rússia e China que demonstram muito interesse por essa região. Eu gostaria de saber como o senhor entende esse movimento?

Atualmente o lítio é muito importante para a alta tecnologia. Mas os chineses estão começando a utilizar um outro elemento, que é mais barato e mais comum que o lítio e que pode ser mais eficiente que o lítio. Justamente hoje apareceu uma notícia enorme em relação a isso. As reservas deste produto estão essencialmente na América do Sul, principalmente no Chile, Argentina, Bolívia, Peru e no Brasil também. Ainda que o porcentual do Brasil seja o menor entre os cinco países, sendo Peru o quarto e estando as maiores reservas no Chile, na Argentina e na Bolívia, o que torna este tema absolutamente importante.

Eu conheço um pouquinho da história da China devido ao fato de que meus interesses pela história deixaram de ser do século 19, e hoje estão

relacionados ao período da história pré-hispânica. E não apenas história pré-hispânica, se não a história da grande navegação pré-hispânica.

Antes dos incas houve um conjunto de civilizações marítimas. Em 1465, os incas chegaram à polinésia em 200 grandes balsas. Essa é minha área de pesquisa agora, na qual eu já publiquei alguns livros relacionados especificamente com um esporte, o surf, no qual ultimamente o Brasil tem vários campeões mundiais. Esse esporte já era praticado no Peru no século 6, ou seja, 1000, anos antes que no Havaí. Sobre isso tenho um livro que posso enviar para vocês, porque agora o Congresso Nacional [do Peru] está tentando transformar o esporte em patrimônio da nação, principalmente devido a minhas pesquisas.

Então, estudando esta grande navegação pré-hispânica, eu descobri, por exemplo, que a China foi um extraordinário país de navegantes, muito antes que os europeus. O almirante *Zheng He* é um exemplo de que não são os portugueses ou os espanhóis os grandes navegadores do milênio, pois os chineses em 1420 já tinham barcos de madeira que podiam percorrer todos os mares do mundo. Até pouco tempo atrás o ocidente não aceitava a possibilidade que os chineses tivessem tido barcos tão enormes, que em 1400 pudessem transportar 3.000 pessoas. Barcos equivalentes a estes, nós sabemos agora, só foram construídos nos Estados Unidos para a Primeira Guerra Mundial. Mas os chineses já tinham esses barcos em 1420 e eram de 3 andares, gigantescos, uma frota imensa. Além do mais, os chineses foram os inventores da pólvora.

Em 1420, quando *Zheng He* retornou à China depois de percorrer todos os oceanos do mundo, o imperador chinês mandou que toda a frota fosse incendiada e fechou a China ao ocidente aconselhado pelos assessores dele, que eram eunucos, porque os eunucos não tinham família e nem descendentes, e por isso podiam dedicar toda a sua vida ao serviço do imperador. Os eunucos lhes disseram que os europeus estavam sempre em briga e que civilizá-los levaria muito tempo, sendo assim, o melhor seria fechar-se contra eles. Foi assim que a segunda grande muralha foi construída no século 15, ao mesmo tempo que se incendiou a grande frota naval.

Grandes historiadores, como o Immanuel Wallerstein, em sua teoria do sistema econômico mundial, dizem que foi por interesse de estado que o imperador fechou a China ao ocidente, alegando que o imperador tenha ficado com medo da enorme popularidade que os marinheiros possuíam com a população e de um golpe de estado. Então, acabou com o poder

deles, e não fez isso os matando, mas acabando completamente até com os resquícios da sua frota naval. Por isso que o ocidente nunca aceitou que os chineses tenham tido esse tipo de barco. Mas há 20 anos se encontrou um barco desses intacto, que foi recuperado pelos historiadores. Esta informação pode ser encontrada hoje na National Geographic, porque eles recuperaram um barco, que hoje está em exibição, feito de madeira. É algo tão descomunal, porque no ocidente nenhum barco nunca foi feito de madeira, mas os chineses conseguiram fazer.

Então, foi pesquisando essas coisas que eu percebi que os chineses não conquistaram a Europa, quando eles podiam conquistar a Europa, porque eles não quiseram. Eles tinham a marinha, tinham barcos e tinham pólvora. O que eles queriam, como nos demonstram esses trabalhos relacionados com o *Zheng He*, por exemplo, era fazer comércio e se vincular com os outros. Eles não queriam guerra.

Eu acho que muitas dessas coisas influenciam na situação hoje. Nós temos relações com os chineses provavelmente desde muito antes dos europeus chegarem aqui. Estou falando especificamente do mundo dos incas, porque em grandes cemitérios do Peru, foram encontradas muitas evidências de possíveis contatos sistemáticos, que é possível que tenham sido feitos através dessas navegações. Se algum de vocês for alguma vez ao Peru, vocês devem ir ao norte do Peru a um lugar que se chama a pirâmide do Dragão. Tem um dragão enorme ali, mas os dragões eram representações principalmente dos chineses.

Termino essa questão dizendo que é muito importante que nós pensemos, mais do que em termos de 2 grandes forças - China, a quem os Estados Unidos acusa de autoritarismo, e Estados Unidos que os Estados Unidos se auto qualifica como democrata - pensarmos em um mundo multipolar, com vários centros de poder. A África hoje é fundamentalmente pró China. E outro dia lendo uma grande revista de pesquisa dos marxistas ingleses, que se chama *New Left Review*, em um artigo longo sobre China e Estados Unidos se mostra porque, neste momento, praticamente todos os países africanos estão neutros ou não estão em oposição à guerra e nesse sentido, estão a favor da Rússia. Mas por que isso está acontecendo com a África? Porque os Estados Unidos se relacionam com a África em busca de estabelecer relações para conseguir territórios para fazer bases militares. Os chineses, por sua vez, já conseguiram relações com 33 países para fazer tratados comerciais. É uma diferença atroz.

Por exemplo, agora o Peru está construindo um gigantesco

megaporto que vai ser o maior Porto no pacífico. No momento só existem portos assim no continente americano nos Estados Unidos e outro no México. No Peru será no pacífico, que é o eixo da economia mundial atual. O principal financiamento para este porto é da China. O Brasil também já tem como parceiro comercial e mais importante, a China. E não sei se alguma vez a China chegou aqui para tentar fazer um acordo militar. Não! Existem estas diferenças que precisam ser levadas em conta, o interessante é que existem exemplos históricos, os quais não poderíamos deixar de mencionar, como estes que lhes contei.

[Adilson Gennari] Amayo, ainda sobre America-Latina: enquanto um estudioso da teoria da dependência e de Mariátegui, o senhor acompanhou em sua carreira acadêmica o desenvolvimento e ascensão das teorias da dependência. Na nova ordem mundial, estas teorias têm ocupado cada vez menos espaço ou tornando-se menos críticas. Gostaria da sua apreciação sobre a nova ordem mundial a partir dessas teorias e de suas radicalidades. Para onde elas apontam hoje, enquanto o futuro para a América Latina?

Neste assunto podemos dizer que as coisas são diferentes. É óbvio que o nível de dependência que o Brasil tinha com os Estados Unidos diminuiu bastante, tanto que o Brasil, em algum momento, especialmente a partir de Fernando Henrique Cardoso, passou a achar que sua área de influência tinha que ser a América do Sul. É por isso que, por exemplo, Fernando Henrique Cardoso se encarregou de eliminar da América do Sul a presença do México. Para isso, ele criou a IIRSA [Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana], que foi desenhada por um dos maiores empresários do Brasil, o pai do Eike Batista. Pode-se imaginar quais são os tipos de interesse que tinham o pai do Eike Batista: *business is business, my dear*. Ou seja, grana.

Podemos ver entre os eixos de integração da IIRSA, que foi um fracasso total, a construção de uma estrada que seria transoceânica, cuja obra de R\$800 milhões passou a R\$ 4 bilhões e foi financiada pelo BNDES e feita pela Odebrecht, mas que o Peru teve que pagar por tudo. Ela foi feita com a desculpa de que toda a produção do sul do Brasil sairia por essa estrada para o pacífico pelo Peru, que construiu um gigantesco porto para guardar essas mercadorias.

Eu escrevi um artigo na época falando que uma estrada em trópicos úmidos acabaria com a Amazônia. Ali onde estava transamazônica, tinha que

ser feita uma ferrovia, teríamos que usar os sistemas intermodais de transporte, usar água e usar ferrovias. O embaixador, quando eu falei que deveríamos construir uma ferrovia, me atacou e disse que eu era um inimigo do progresso. Eles disseram que iam transportar por ali 5.000.000 de toneladas métricas em 300 caminhões por dia, levando cada um 30 toneladas! Há 4 anos atrás o meu último orientando fez uma pesquisa por toda esta estrada, desde São Paulo até o Peru a e me escreveu um e-mail falando "professor, quantos caminhões brasileiros acha que eu encontrei nesta gigantesca estrada?" Como eu não sabia, falei "nenhum". E era isso mesmo: nenhum. E a estrada está ali e é a melhor da América Latina, que custou R\$4.000.000.

Um grande teórico da dependência foi Aníbal Quijano, que passou deste conceito para outro conceito que é o de colonialidade do poder. Ele não deixou de pensar sobre o conceito de dependência, nem sobre a relação entre exploradores e explorados e nem como resolver os problemas do capital, mas ele foi ampliando seus conceitos para este conceito de colonialidade do poder, que ele criou como um oposto à modernidade.

Na história mundial e especificamente na história do ocidente se aceita que a modernidade, trouxe em si mesmo o progresso, a democracia e essas ideais de igualdade social absoluta - como foi o socialismo. O Aníbal Quijano dizia que, essa modernidade que se deu principalmente nos países avançados, tem para nós outra cara. Porque ao mesmo tempo que apareciam as ideias de socialismo e democracia na Europa, o que se fazia em África e na América? A escravidão. O que se fazia na América com as populações indígenas? O pior desastre demográfico da história mundial não aconteceu em África, aconteceu aqui, no continente americano.

O continente americano é ecologicamente o mais rico do mundo, por um exemplo, diferentemente de todos outros continentes, nossa extensão vai do Pólo Norte ao Polo Sul passando por todos os climas da Terra. Por isso, a escola demográfica de Berkeley mostrou que o continente americano em 1492 tinha o dobro da população que a Europa. O continente americano tinha quase 120 milhões de habitantes e a Europa, 60. O pior desastre demográfico do mundo foi no continente americano, que de 120 milhões em 1492 passou a ter em 1580, 8 milhões.

É este rosto desconhecido, que começa a aparecer através deste conceito de colonialidade do poder e nos oferece um complemento e uma consequência das teorias da dependência, olhando o conjunto e olhando o processo histórico como um todo. É um conceito de longuíssima duração e

que está ali permanentemente, porque, como esses trabalhos mostram, por exemplo, o conceito de raça, é uma coisa que se impõe a partir da entrada europeia no continente americano. Antes disso, não existia o conceito de raça no sentido de seres humanos superiores e inferiores, entre um europeu branco e um africano. Heróis africanos da antiguidade eram guerreiros extraordinários que quase conquistaram Roma, mas quando os Europeus chegaram ao continente americano, trazendo todas essas doenças que nos mataram e depois nos mataram com violência, eles falavam “nossa como são fracos, apenas com um contato já morreram”. Esses conceitos tão brutais de racismo, com esse sentido de inferioridade e superioridade, são parte desse fenômeno de colonialidade do poder que, como sabemos, continua no nosso tempo, continua, por exemplo, nos Estados Unidos pelo nome de *White Supremacy*. No Brasil, acabou de sair na Revista Piauí que os movimentos supremacistas estão mais organizados justamente ali no estado de Santa Catarina.

O conceito de dependência foi muito importante, mas agora estamos em outra situação. Estamos começando a falar de multipolaridade e espero que realmente a gente comece a pensar nesses termos. Tomara que, por exemplo, o presidente Lula pense em termos de multipolaridade antes de se comprometer com um lado ou com outro. A multipolaridade seria muito importante na América Latina, e que ela clame por isso seria extraordinário.

[Aline Miglioli] Sobre o Peru, especificamente, nós vimos, no período recente, diversos reveses na política institucional. Como compreender o fenômeno do Pedro Castillo? E sua queda?

O Pedro Castillo e eu somos do mesmo lugar no Peru. Ah meu deus... que decepção! Às vezes, com parte da esquerda não precisamos nem de direita. Porque tem uma esquerda que rouba, temos uma esquerda que é ladra, uma esquerda que se justifica ao final, dizendo que rouba porque é bom, porque estamos expropriando. Se a expropriação fosse social, não ia para o bolso deles.

O Castillo... Eu escrevi tantos *podcasts* sobre isso, a Unesp difundiu um monte de *podcast* meus apoiando ao camponês Castillo. Mas ele mesmo mostrou que muitos sindicalistas já são corruptos. Desde o primeiro momento, ele já começou a praticar a corrupção quando chegou ao poder. Isso foi parte do aprendizado de quando ele foi líder sindical dos professores no Peru? Agora, ele é um professor de uma ignorância supina, que confunde a Ucrânia com a Croácia quando fala em discursos internacionais.

E porque ele ganhou as eleições no Peru? Porque ele competiu com um monstro, com a Keiko Fujimori, a filha do ditador Fujimori. Ele é um bárbaro e foi meu professor, a quem conheci pessoalmente. Esse senhor estará na cadeia por 25 anos e quando terminar seu período, tem 5 processos a mais. Ele tem uma filha, que começou a sua carreira política literalmente sobre o corpo da sua mãe, que era primeira-dama, esposa de Fujimori.

O Peru é um país de terremotos e em 1992 houve um grande terremoto no país. Foi então que os japoneses começaram a nos ajudar porque o Fujimori era de origem japonesa e depois conseguiria inclusive a cidadania japonesa. Este país então, deu um monte de coisas para ajudar o Peru. Um barco inteiro chegou ao país carregado de coisas. Mas, a família Fujimori pegou todas as coisas do barco e começou a vender nos mercados e ficar com o dinheiro. A mulher de Fujimori, a primeira-dama, que era uma mulher muito excêntrica, ameaçou seu marido, que se ele não parasse com aquilo ela falaria com a imprensa... No fim ela falou com a imprensa e terminou brigando com o Fujimori. Depois disso, por um período ela desapareceu e no Palácio falaram que ela estava doente, mas depois ficamos sabendo que nesse período ela foi torturada por um serviço de inteligência, até que ela enlouqueceu e quando ficou evidente o que estava acontecendo e os médicos determinaram que ela estava mal, ela teve de deixar de ser primeira-dama e a filha apareceu como a primeira-dama. Ou seja, a filha começou sua carreira política tomando o lugar da mãe, sendo que ela morava dentro do Palácio com a mãe e ela sabia que a mãe era torturada pelo pai.

Essa mulher foi candidata pela terceira vez à presidência contra Castillo. Como há gente que odeia profundamente toda a família Fujimori, ele terminou ganhando. Nessa época, nós achávamos que ele tinha um projeto rural, por ele ser um líder camponês que se apresentava com aquele chapéu e mostrava que sabia de agricultura. Mas depois começou a aparecer em seu programa, umas reuniões secretas. Ele queria transformar o Palácio de Governo em um museu, já que preferia fazer reuniões em casa de uns amigos para tomar decisões. Tudo isso começou a aparecer e foi evidente. De fato, ele não foi tão corrompido como outros que estavam na cadeia, mas foi colocando toda a sua família em diversos cargos do governo. Ele começou a perder seu espaço de referência, inclusive enquanto intelectual, pois descobriu-se que a dissertação de mestrado dele tinha sido completamente plagiada de outras teses. Por todas essas reações, ele

começou a se sentir muito isolado, porque muita gente da esquerda que originalmente, como eu, acreditava nele, deixou de acreditar. Até que ele tentou dar um golpe de estado.

Enquanto isso, a extrema direita já odiava ele, e não pelas mesmas razões do que eu e nem porque ele era incapaz, mas sim porque não era branco. A extrema direita no Peru acha que é branca, porque acha que o dinheiro faz as pessoas se tornarem brancas. Mas é tão branca como eu ou como meu amigo Adilson. Ainda assim, a burguesia achava que ele era um camponês indígena, o que era uma vergonha racialmente para o Peru.

Quando ele perdeu o apoio da esquerda, a extrema direita também estava contra ele. Quando ele tentou dar um golpe de estado, foi no mesmo dia que o Congresso se reunia para dar um golpe de estado contra ele. Algumas horas depois da reunião em que ele tentou dar um golpe, o Congresso anunciou que ele já não era mais presidente e subiu ao poder a vice-presidente que é um monstro, mas foi eleita. Então, agora nós estamos em uma oposição tremenda contra esta senhora, mas ela que originalmente se dizia de esquerda, agora teve todo o apoio da direita e da ultradireita no Peru, porque ela está fazendo tudo o que a direita e a ultra-direita gostaria de fazer. É uma situação muito complicada, né? Isto vamos ver o que vai acontecer.

O país, obviamente, está em uma crise econômica grande, mas os recursos econômicos, também têm sido felizmente grandes. Atualmente temos um problema, são mais de um milhão e meio de imigrantes venezuelanos. Eu temo os problemas em relação aos imigrantes no sul, por exemplo na fronteira limite entre Chile e Peru. Bem, mas essas atitudes de gente de esquerda surpreendem. Eu nunca imaginei que o Boric fosse fazer o que ele fez de mandar embora dezenas de venezuelanos e o Peru já fechou a fronteira para eles também.

Como é possível que o Boric tenha feito isso? Para o governo de direita do Peru ainda é compreensível, mas por parte dele não. Agora tem milhares de venezuelanos na fronteira em uma situação absolutamente lamentável e os exércitos peruanos e chilenos mandaram suas tropas no meio de milhares de mulheres e de crianças. Tomara que se resolva através de apoio internacional das Nações Unidas, mas essas coisas nos levam a pensar que realmente a situação é muito complicada a nível nacional e internacional. Não necessariamente o que se chama de esquerda, atua como tal. Eu, por exemplo, jamais esperava que o Boric fizesse as coisas que ele está fazendo.

|Adilson Gennari| Eu estou aqui com as próximas questões, mas são sobre assuntos que já foram tratados. Então, o que eu vou fazer aqui é ler alguns pontos, e você fica à vontade para comentar o que você achar legal e pertinente:

- ✓ **A revolução peruana neste século 21 se encontra em um impasse?**
- ✓ **As várias revoluções peruanas e a questão indígena.**
- ✓ **Qual é o papel dos militares e oligarquias na revolução peruana?**
- ✓ **Qual o papel da violência nas revoluções peruanas?**
- ✓ **Quais são as particularidades da história peruana entre os povos andinos, principalmente com a Bolívia?**
- ✓ **As várias revoluções peruanas e seu saldo emancipatório;**
- ✓ **Consequências sócioeconômicas do desmanche do Estado peruano;**
- ✓ **A ultradireita e suas perspectivas no Peru.**

Tem apenas algumas coisas que acho que são interessantes falar. Por séculos, se pensou que a história da civilização Andina teve sua origem nos Andes, nas partes altas, em lugares como Cusco, que foi a capital dos incas. Mas, os incas são o último estágio de dez civilizações anteriores a ela.

No ano 1992, foi descoberta uma cidade no meio do deserto, que se chama Caral e fica a 180 km de Lima e a 20 quilômetros do mar, tem 5.000 anos. É de longe a cidade mais antiga do continente americano. Antes da sua descoberta, se achava que uma cidade do México era mais antiga, com 3.000 anos. Bom, essa tem 2.000 anos a mais. Ela foi construída em um período que se estava construindo no Egito e é gigantesca. Teve 23 complexos urbanos e 3 portos.

A descoberta desta cidade é muito importante porque mostra que a história da civilização se iniciou em frente ao mar e que desde esse início nós já éramos pescadores. Isso é muito importante porque na história mundial da civilização se achou que a agricultura era mais importante. Mas a pesca antecedeu a agricultura, ainda que, claro, a revolução tenha sido agrícola. Atualmente se sabe que neste período e em 7 lugares diferentes começou de forma autônoma e independente o que nós denominamos civilização, ou seja, o período em que começamos a construir cidades. Destes sete centros, seis estão no hemisfério norte: Guatemala, México, Egito, China, Índia e Irã estão no norte, o único no hemisfério sul é a civilização andina, que tem como centro o Peru. Isto é extremamente interessante, porque nós sabemos que no hemisfério norte existia a possibilidade de comunicação entre os

centros, mas o fato de existir um centro tão longe no hemistério sul é bastante excepcional, não é?

Isso tem um peso, por exemplo, nas grandes mobilizações atuais contra Dina Boluarte [Presidente do Peru], em que as pautas mais importante destas mobilizações tem sido colocadas pelas populações que se consideram - e são - descendentes diretos destas grandes civilizações no sul do Peru. Nelas, 49 pessoas foram mortas e agora a senhora Baluarte tem um problema gravíssimo, porque a Comissão Internacional dos Direitos Humanos está investigando se aconteceu um massacre no Peru.

É provável que essa senhora termine em uma cadeia. Não seria novidade. No Peru, muitos presidentes estão na cadeia e eu fico feliz por esse fato, porque significa que roubar não é tão fácil. O presidente Pedro Pablo Kuczynski, um bilionário, que morava mais em Nova Iorque do que no Peru, hoje está preso na casa dele, porque já tem 82 anos. A casa dele é um palácio, porque ele é bilionário, mas não importa, porque ele não pode desfrutar de seus jatinhos particulares, não pode jogar tênis amanhã em Londres etc. Morar em um palácio sem sair de casa, é ruim também. O Toledo também está preso, o Fujimori também e agora o Castillo.

Pois é, esta senhora sabe disso e essa é a razão pela qual ela está dando muito poder às Forças Armadas e por isso elas estão até hoje respeitando a presidenta constitucional. À diferença dos militares aqui no Brasil, que grande parte são bolsonaristas e desafiaram a Constituição, no Peru eles estão respeitando a Constituição, mas estão ganhando muita força.

O que aconteceria, por exemplo, se finalmente a população continuasse se levantando contra ela e ela fosse embora? Talvez os militares se sentissem com força suficiente para dar um golpe de estado, isso é o perigoso dessa situação. Até o momento eles estão felizes e por isso estão cumprindo com a Constituição, mas veja, a presidenta constitucional já matou 49 pessoas e deixou 1300 pessoas feridas e gravemente feridas. É uma situação realmente complicada agora. As coisas estão acontecendo e há protestos ainda, a imprensa funciona, se fazem denúncias sistematicamente e se vive uma situação difícil, mas não é impossível. Tomara que nós não cheguemos a uma situação de impossível, porque faz 20 anos nós vivemos uma guerra, que como já falei que matou 70.000 pessoas e principalmente mulheres e crianças que eram as mais frágeis e as coitadas mulheres ficaram por último protegendo os meninos e assim eram mortas pelos senderistas ou pelas forças armadas. A maioria dos mortos foram velhinhos, crianças e mulheres. Foi uma coisa atroz.

Se alguma vez vocês vieram à Lima, visitem um Museu da Memória que nos lembra de todas estas coisas. Se bem que atualmente a extrema direita fechou o museu porque para eles lembrar é um problema. Eles dizem que as forças armadas estão sendo criticadas porque este museu mostra que as forças armadas tiveram também um comportamento atroz nesse período, assim como os senderistas. Por isso, o prefeito de Lima, de extrema direita, acabou de fechar esse museu.

Então, a situação do Peru é interessante e complicada, mas as coisas continuam se movimentando. Espero que em algum momento se encontre uma saída, digamos, pacífica.

[Adilson Gennari] A minha pergunta é bastante abstrata também. Você como historiador tem toda essa trajetória no campo crítico e no campo oposto à barbárie do capital. No quadro atual, nós vivemos numa espécie de crise estrutural, onde o capitalismo se vê numa situação muito delicada, porque ao mesmo tempo que fecha postos de trabalho, o capitalismo diz para as pessoas que elas precisam ter emprego, é como se fosse um pesadelo. Por outro lado, a própria forma de produção do capital desde a primeira revolução industrial já era destrutiva, tanto é que o london fog que que a gente fala tanto, na verdade é poluição. Então essa situação de destruição ambiental que vai sendo crescente até chegar num ponto que nós estamos agora: um monte de miseráveis na rua, um monte de gente sem perspectiva nenhuma, de jovens sem perspectiva nenhuma. Mesmo nos países chamados desenvolvidos, um monte de gente jogada na rua, sem moradia, sem emprego, sem nada, sem educação. Então, com o mundo à beira de uma catástrofe ambiental, se é que nós já não estamos nela, você vê perspectivas de um socialismo ou de um comunismo ou de uma transformação da sociedade? Se você vê isso, você se identifica na sociedade, no caos que virou essa sociedade, sujeitos históricos, capazes de dar alguma resposta a tudo isso?

Olha, já falei antes que eu agora ando falando que com muita gente de esquerda nós não precisamos da direita. Porque realmente quando você vê o tanto de cara que aproveita e mete a mão e rouba e fica milionário.... Eu, por exemplo, eu sou muito crítico ao presidente Lula fazer viagens em jatinhos. Ele não pode deixar de viajar em jatinhos e quem que dá isso a ele, esses jatinhos? Em novembro ele participou dessa reunião que foi convidado ao invés do Bolsonaro, sobre o meio ambiente no Egito, e ele foi um jatinho. Primeiro ele disse que o jatinho era de um amigo, mas depois se

soube que a viagem custou 3 milhões de reais. Se falamos de pobres, temos que mais ou menos nos comportar como os pobres, do contrário se vão gerando desconfianças.

Isso é uma questão. A outra questão é que neste momento, tudo o que existe é capitalismo: a China é capitalista também, essencialmente um capitalismo de estado. É extraordinário, esse livro do historiador Julius que mostra que a União Soviética foi um capitalismo de Estado. Neste livro que se chama "Ciclo soviético" ele mostra como a URSS foi também um capitalismo de estado.

Hoje o que nós temos são diferentes formas de capitalismo. Eu acho que por agora temos que estar lutando por uma multipolaridade para que não existam centros hegemônicos e de domínio, que isso possa gerar novas áreas que permitam avanços e conquistas. Desculpem-me, mas depois de ver revoluções como as do Pol Pot na Cambodia, o Sendero Luminoso no Peru... eu acabo realmente acreditando mais nas reformas. Estes exemplos são asquerosos, porque em nome de criar um Novo Mundo, mataram comunidades inteiras, no caso do Sendero Luminoso, matavam as crianças com as mulheres, se as crianças chorassem.

Quando eu era moço, eu quase fui lutar na Nicarágua, ao lado de Ortega. O Ortega é um horror agora, uma atrocidade enorme. Nós que somos de esquerda, temos que criticar essas coisas, não podemos deixar essas coisas para a direita criticar. Na Nicarágua eles retiram a nacionalidade de todos aqueles inimigos, todos viram apátridas. Neste sentido o Boric fez uma coisa linda no Chile, concedeu a nacionalidade para todos os nicaraguenses. Porque eles não fazem isso para os venezuelanos, não é mesmo? No Peru temos um milhão e seiscentos venezuelanos. Olha o que aconteceu com o país que era o mais rico proporcionalmente na América Latina: hoje, a indústria petroleira está destruída. O que destruiu essa indústria não foram as bombas de fora, foram decisões tomadas internamente.

Até hoje não se sabe por que razões Hugo Chávez deu um empréstimo de dez bilhões, pelo menos, à Argentina, na crise de 2002. E olha a Argentina como está hoje, quase mendigando dinheiro ao Brasil, mesmo sendo um país rico em recursos. Temos que ver todas essas coisas de longe em um contexto mundial. Na verdade, acho que esta questão da revolução é um assunto que precisamos ir conquistando nos espaços. Eu, por exemplo, não tenho nenhum problema se tocam minha campanha e me pedem R\$10,00. Também acho importante colaborar com instituições como,

por exemplo, os Médicos Sem Fronteiras. Eu vejo no momento que seria muito interessante pensar numa forma de estabelecer salários mínimos mundiais por um processo de redistribuição de renda. Isso seria uma reforma, mas pensemos que consequências extraordinárias isso causaria.

Um salário mínimo básico é essencial devido a gigantescas quantidades de acumulação de capital que estão em tão poucas mãos. Quantos são os bilionários que temos no Brasil hoje? Hoje temos menos três bilionários por causa das lojas Americanas que acabaram de quebrar e eles perderam R\$10 bilhões, o Maluf mesmo acabou de devolver R\$ 20 milhões hoje também. Um absurdo. Algo tem que acontecer para mudar essa situação, mas não é matando os Malufs ou a outros que vamos resolver as coisas. Como eu sempre falo, se matando se resolvesse as coisas, Cambódia, seria o país mais avançado do mundo. Cambódia matou a metade da população, com isso seria o país mais avançado do mundo. Acho que, infelizmente temos que seguir avançando em pequenos espaços e criando espaços, como por exemplo, este em que estamos de debate hoje.

[Aline Miglioli] Professor, eu sempre quero terminar as entrevistas com algum otimismo, porque a gente de esquerda é sempre um pouco pessimista. O senhor falou da formação do Peru e das diferentes formas de vida, da coexistência dos diversos sistemas. Nós sabemos que os países andinos conseguiram, de alguma forma, preservar algumas sociabilidades que não são as sociabilidades do capital. O senhor enxerga nesse movimento outras formas de se relacionar e possibilidades de emancipação para evitar o fim do mundo? Nossa revista é exatamente sobre o fim do mundo, então a gente está aqui pensando sempre em como não chegar lá.

Bom, há coisas importante dessa sociabilidade que são muito presentes em comunidades amazônicas de todos os nossos territórios, ainda que as comunidades amazônicas brasileiras sejam muito pequenas como consequência da escravidão porque, no Brasil, a escravidão da população indígenas foi enorme. Isto explica porque apesar de o Peru ter um quarto do território da Amazônia do Brasil, a população indígena amazônica no Peru é 2 vezes maior que no Brasil. Em 4 milhões de quilômetros quadrados - de acordo com as estatísticas do Tratado de Cooperação no Amazônico de vinte anos atrás - o Brasil tinha uma população indígena de 200.000 pessoas e no Peru de 400.000 em 1992.

No Peru, tínhamos uma nação indígena que se chamava "Os Campas" e eram compostos por 70.000 pessoas. Vejam a diferença, no Brasil, a maior

comunidade indígena chega a 3.000 pessoas. No caso dos Campas, o Sendero Luminoso obrigou sua dispersão, pois passaram a obrigar as crianças a ir para o exército, mas eles começaram a fugir e resistir.

Essas comunidades amazônicas, como vocês sabem, tem como valor essencial a preservação da natureza. É fundamental. Esses exemplos que eles nos dão permanentemente, todas as comunidades amazônicas de todos os países, são absolutamente fundamentais. O tipo de agricultura que eles praticaram nos lugares onde se pratica agricultura nunca é de monocultura, sempre de múltiplas culturas, de forma que não destroem a natureza.

As comunidades indígenas Salinas, que são descendentes diretos dos incas, porque os incas, conforme se expandiram, se aliaram com os amazônicos, por exemplo, formas de cooperação muito grandes. É uma comunidade que ainda tem força, mas que através do tempo foram mudando porque muitos têm formação universitária.

Agora, para acreditar que eles possam influenciar para uma mudança social geral, somente se com o tempo eles não forem destruídos pela força que a comunidade ocidental coloca contra eles. Até o momento eles têm resistido com muito sucesso. É uma resistência histórica extraordinária também.

Tomara que continuem resistindo, organizados sob a solidariedade não pelo dinheiro. Em muitas delas até relativamente pouco tempo se trocava trabalho por trabalho. Elas também fazem muitos trabalhos cooperativos, por exemplo, a construção de obras de infraestrutura para todas as comunidades, como pontes, por exemplo, pois os incas eram grandes construtores de pontes flutuantes. Ainda existem 300 pontes flutuantes em diversos territórios peruanos, construídas pelos próprios indígenas, com seus próprios conhecimentos técnicos.

Essas coisas existem e tomara que continuem sendo preservadas, sem dúvida alguma essa é uma parte da luta. Essas comunidades se expressaram muito nas lutas recentes contra a presidente do Peru. Sem dúvida, se essa população tiver mais acesso a recursos, principalmente acesso à educação de maior qualidade, de alguma forma ela poderá influenciar na luta geral. Caso contrário, será a luta seguirá como agora, uma luta silenciosa. | FIM |

Campinas, Recife, Florianópolis, Divinópolis, maio de 2023.